

PAINEL DO LEITOR

Pede-se que as cartas não ultrapassem 15 linhas e que contenham nome completo, assinatura, endereço e se possível telefone. Para atender mais leitores a **Folha** se reserva o direito de publicar trechos representativos das cartas recebidas

“Fujimorização”

“Li a carta do embaixador do Peru sobre meu artigo ‘Fujimorização à moda tucana’, que talvez dele merecesse uma releitura para que o entendesse melhor. Em primeiro lugar, procurei alertar meus eventuais leitores que parte substancial da reforma constitucional está voltada para hipertrofiar o Poder Executivo, que poderá gerar, sem ruptura institucional, modelo quase ditatorial, o que no Peru ocorreu com a quebra das instituições vigentes. Se passar a reforma tributária, os Poderes Legislativo e Judiciário serão poderes acólitos, assim como todas as entidades federativas perante a União. Sobre as últimas eleições a que o presidente Fujimori concorreu, tendo o poder nas mãos, não disse que tinham sido nem corretas nem incorretas, na medida em que muitos dos jornais que enviaram observadores ao Peru denunciaram pressões e manipulações, não nos resultados, mas na sua preparação, muito embora algumas organizações considerassem-nas legítimas. Como só tomei conhecimento desses fatos por terceiros, preferi manifestar dúvida, e não certeza, sobre a correção ou não da consulta às urnas. Quanto ao conceito de democracia do presidente peruano, reservo-me o direito de ter concepção diversa, na medida em que, para mim, a ‘formalidade’ do acesso ao poder é tão relevante quanto seu exercício. Sugiro, nesse sentido, a leitura de meu estudo ‘Uma Teoria de Alcance sobre a Legitimidade do Poder’, publicado na Revista de Direito Constitucional e Ciência Política n.º 2, Ed. Forense, 1984, pág. 38/50.”

Ives Gandra da Silva Martins, professor emérito da Universidade Mackenzie (São Paulo, SP)

Rabin

co. No que diz respeito diretamente a mim —e consta dessa reportagem em citação de meu parceiro Woody Gebara—, quero esclarecer o seguinte: o personagem interpretado pelo bailarino Sebastian foi criado por mim e pelo diretor de cinema e teatro José Possi Neto. Não pensamos em pôr um negro para protagonizar tal campanha publicitária por pedido de nenhuma natureza ou procedência. Muito menos do cliente, a C&A. Criamos um personagem baseado em um ‘bluesman’ e por simples opção estética gostaríamos que ele aparentasse um andróide negro. A C&A não foi ‘a primeira marca a colocar no ar uma campanha protagonizada por elenco negro’ como afirma a reportagem. Tampouco foi a referida campanha, em 1990, o primeiro filme da C&A elencado por negros. Filmes anteriores da C&A, também criados por mim, já exploravam várias etiologias, sempre de acordo com o público-alvo da comunicação, e não para querer dizer que somos legais, bonzinhos, politicamente corretos, não-racistas ou qualquer rótulo dessa natureza. ‘House organ’ não se traduz como agência interna; ‘house agency’ sim.”

Waldir Costa (São Paulo, SP)

Maquiavel

